

A CULTURA POPULAR PRESENTE NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS: O OLHAR SENSÍVEL DO PESQUISADOR NO TRABALHO COM PESQUISA¹

Ginaldo Moreira²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o papel da pesquisa em comunidades tradicionais no que se refere ao campo da cultura popular, seu protagonismo, transgressão e subalternidade. Toma como elemento de reflexão o tratamento que é dado pelo pesquisador no estabelecimento de relações para o diálogo com as populações dessas comunidades, considerando o modo como estas se organizam em seus espaços de vivência no sentido de assegurar sua cultura no trabalho cotidiano. A metodologia proporciona um diálogo com autores como Costa (2016), Carvalho (2004), Ortega y Gasset, Pajeú (2014) e Calegare, Higuchi e Forsberg (2013), para estabelecer vínculos entre a cultura popular e os desafios atribuídos a ela, quando está em jogo o trabalho do pesquisador na correlação com as lutas cotidianas das comunidades tradicionais na produção e defesa da sua cultura. Por fim, ressalta a necessidade do exercício de um olhar sensível, criterioso e aberto ao novo, vindo do pesquisador, no trabalho com a pesquisa em comunidades tradicionais, enquanto um desafio metodológico, ético e político.

Palavras-Chave: Cultura popular. Comunidades tradicionais. Pesquisa participante. Olhar sensível.

¹ Trabalho concebido a partir das inúmeras leituras de textos, atividades em grupo, discussões participativas, depoimentos de convidados e explicações compostas por dicas indubitavelmente enriquecedoras, advindas da vasta experiência da Professora Doutora Edil Silva Costa no trabalho com pesquisa em comunidades tradicionais.

² Graduado em Matemática, Pós-Graduado em Gestão da Aprendizagem Matemática, Pós-Graduado em Coordenação Pedagógica, Estudante do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: ginaldy@bol.com.br.

INTRODUÇÃO

No Brasil há uma gigantesca gama de comunidades tradicionais as quais vêm enfrentando dificuldades culturalmente e socialmente. Uma significativa parcela destas comunidades está localizada nos estados nordestinos. São elas: ciganas, indígenas, quilombolas, pescadores, comunidades de fundo e feche de pasto, e outras. Do ponto de vista da política dos povos e comunidades tradicionais no Brasil, trata-se de grupos socialmente referenciados pela cultura, com formas próprias de organização social e que se reconhecem a partir das suas diferenças em relação a outros povos, que ocupam e usam os territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social e religiosa.

Para José Ortega y Gasset, a cultura é uma necessidade imprescindível de toda uma vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem. Focalizando neste ponto, é evidente no Brasil e em outros países a ênfase, de um lado, à valorização da cultura em sua diversidade e a pujante e tão necessária implementação das formas de proteger todo e qualquer patrimônio cultural, e do outro, ações no sentido de enfraquecê-las.

Embora essas comunidades tenham suas peculiaridades sociais, culturais, religiosas, elas estão na maioria dos casos, dissolvidas em algumas áreas urbanas e/ou nos povoados e áreas rurais, motivadas pelo processo migratório forçado, ocorrido nos últimos tempos.

A magistral diversidade da cultura popular reside na sua diversidade regional, a qual tem sido tratada pelos organismos internacionais de forma distanciada de suas reais e verdadeiras necessidades. Conforme apontam as diretrizes assumidas pela Organização das Nações Unidas (UNESCO), e dentre elas, cabe destacar as orientações para a utilização dos recursos do fundo e a utilização comercial e regimes contratuais. Tais diretrizes

evidenciam claramente o cunho comercial e pouco eficiente para a democratização da cultura, agravando ainda mais, o desfavorecimento das classes subalternas que tanto já sofreram e vêm sofrendo pela falta de acesso aos bens culturais.

A diversidade múltipla da cultura popular que se desenvolve no tempo e no espaço, muitas vezes não é facilmente concebida como aspecto estratégico que faz parte do cotidiano dos grupos portadores da cultura popular. São grupos que expressam através dessa cultura sua euforia, satisfação, decepções e vida laboral, assim como se reconhecem pertencentes a estas comunidades e territórios e desenvolvem fortes laços de pertencimento.

Frente a tal entendimento, este texto analisa o papel da pesquisa em comunidades tradicionais no que se refere ao campo da cultura popular, seu protagonismo, transgressão e subalternidade, recorrendo a uma reflexão a respeito do trabalho do pesquisador no estabelecimento de relações com as populações dessas comunidades. Para isto, considera a cultura popular como questão fundante no modo de organização das comunidades tradicionais, ressaltando os desafios da pesquisa frente às dinâmicas destas comunidades.

Para tanto, o texto ressalta a necessidade do exercício do olhar sensível, criterioso e aberto ao novo, vindo do pesquisador, no trabalho com a pesquisa em comunidades tradicionais, enquanto um desafio metodológico, ético e político.

Logo após a introdução, apresenta uma discussão sobre a cultura popular e memória em comunidades tradicionais, situando esta questão em um cenário complexo e desigual, em que os grupos populares procuram se organizar e significar suas relações sociais e culturais ao longo do tempo, sendo estas marcadamente orientadas pela cultura popular. Em seguida, aborda o desafio da pesquisa em comunidades tradicionais, na perspectiva das tarefas

a serem assumidas pelo pesquisador, mediante compromisso ético e político com as lutas das classes subalternas.

CULTURA POPULAR E MEMÓRIA EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

As comunidades tradicionais são guardadoras de um arquivo vivo e em movimento permanente de renovação da cultura popular e da memória das práticas identitárias locais. São espaços organizados pelos povos e suas histórias e cultura em que o trabalho é marcado por uma forma de fazer a cultura extremamente implicada com a vida, as lutas, as crenças e a simbologia dos lugares vividos. Diz respeito, especialmente ao patrimônio cultural imaterial e ao seu caráter de auto gerir-se mediante às inúmeras mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas no mundo, especialmente nos tempos atuais.

No entendimento de Costa (2016), em texto denominado *Arquivos do pobre: considerações sobre culturas populares, memórias e narrativas*, apresentam a seguinte afirmativa:

Os arquivos vivos (os narradores) e seus arquivos, orais/virtuais ou impressos/materiais são reveladores de práticas de armazenamento, conservação, catalogação. São arquivos que estão fora da tutela do Estado, mas que tampouco estão exclusivamente na esfera do privado. São formas de expor sob a curadoria de sujeitos que, talvez intuitivamente, organizam a narrativa de seu texto cultural (COSTA, 2016, p. 7).

No entendimento desta autora, os arquivos do pobre assumem uma posição particular no modo de organização da vida desse indivíduo dos grupos populares, porque guardam a memória local. Através desses arquivos a vida nas comunidades tradicionais vai sendo desenhada e reproduzida atribuindo significado.

Sobre a leitura dessa memória em movimento, referenciada por meio de objetos e narrativas, nos informa Costa (2016):

Dizem por onde andam ou desejam andar. Quais paisagens consideram bonitas ou interessantes. Que opção política merece sua simpatia, respeito ou lhe oprime a ponto de figurar em um cartaz na parede. Quais os santos de sua devoção. O orgulho de ter um filho escolarizado quando pendura uma foto na parede com beca de formatura. Enfim, a paisagem desenhada pelos objetos expostos e as narrativas verbalizadas por esses sujeitos, nos informam, de modo muitas vezes comovente, que os arquivos do pobre são eficientes depositários da memória de nossa gente e de nosso lugar (COSTA, 2016, p. 9).

As comunidades tradicionais são assim, territórios dotados de uma cultura peculiar ao espaço comunitário, sem, no entanto, estarem fechados em si mesmos. Esta ideia pode ser associada ao conceito de território usado, conforme apresentado por Santos (2007), visto que para este autor o território usado é considerado como sinônimo de espaço habitado, construído e reconstruído pelos homens, produzido por meio de suas ações e relações. Neste sentido, as comunidades tradicionais enquanto território usado, não se explicam por si só, mas sim por meio do conjunto complexo das suas relações internas e externas, o que envolve, especialmente o modo como as populações dessas comunidades vem se organizando e significando suas relações sociais ao longo do tempo, sendo estas marcadamente orientadas pela cultura popular.

Em se tratando da cultura popular, Pajeú (2014) em Tese de doutorado denominada “A estética da cultura popular na Folia de Momo do Recife: questões de alteridade, corporeidade e transgressão”, a define tomando de empréstimo narrativa de um percussionista, brincante, bordador e dirigente do Maracatu Piaba de Ouro de Pernambuco, cuja mãe o vestia de Caterina para pedir dinheiro. Nas palavras deste brincante, citada por Pajeú (2014, p. 152), cultura popular é:

[...] salvação da gente. Ela é imposta para os mais novos. Ou você estuda ou você vai ser artista. A cultura popular é construída pela vivência nas ruas. Os outros têm vergonha, mas no carnaval

todos querem tirar fotos com a gente. A gente só é olhado no carnaval, pois quem está ali dentro, debaixo daquele colorido todo é o feio, é o banguelo, é o negro, mas nesses dias de festa ficam todos atraentes, ficam bonitos. Ela transforma o pobre em rico, é lá que a gente é rei, mas o melhor de tudo isso é ser Caterina.

Nestes termos, a cultura popular é uma construção social cotidiana, dada pela marca dessa parcela da população, muitas vezes colocada na subalternidade, mas que em alguns momentos, a exemplo do carnaval de Recife, aparece e ganha destaque. Está presente no movimento dessa população, a transgressão e os embates sociais travados entre classes.

Sendo assim, embora a sociedade no seu modelo capitalista dominante esteja impactando fortemente as relações sociais e o modo de vida nas comunidades tradicionais, impondo outras formas de organização da vida e exercendo pressões sobre a dinâmica local, a resistência da cosmovisão cultural popular é algo que se revela, dada pela permanência sempre renovada de um modo particular de formas de ser e de fazer de uma comunidade, atrelada à tradição nas práticas culturais populares. O que se observa nestes espaços marcados pela tradição e inseridos na sociedade contemporânea, é um misto que articula elementos com raízes fincadas no passado, mas por conta do movimento de trocas permanentes, vai sempre se renovando no confronto com as ações do presente.

Esta questão da mudança que envolve a cultura popular é tratada por Carvalho (2004), quando aborda os saberes performáticos no patrimônio cultural imaterial afro-brasileiro, situando-os como um problema na ordem do dia. Para este autor, as comunidades afro-brasileiras que detêm tais saberes vivem e enfrentam problemas graves de sobrevivência, os quais têm origem nas estratégias de registro e difusão do patrimônio imaterial, especialmente no contexto do alto imperialismo na

Europa, na segunda metade do século XIX, fruto da noção extranacional de patrimônio.

Neste contexto, várias regiões e lugares do mundo com suas culturas endógenas, apoiadas na tradição oral e na memória, passam a ser alvo das estratégias imperialistas em que uma das maneiras de estabelecer o controle era pela coleta e catalogação de informações para o arquivamento e conservação sob a guarda de uma entidade pública ou privada. Quando situamos esta questão em tempos mais recentes, podemos observar em Carvalho (2004) que é a partir desse processo que o patrimônio cultural dos povos tradicionais passa a ser alvo da indústria cultural do entretenimento.

Carvalho (2004) fala sobre a mercantilização da cultura popular sendo feita também pelos pesquisadores ao entrarem nos espaços populares e nas comunidades tradicionais para apropriarem-se de dados desses grupos sociais. Este processo tem estabelecido um tipo de relação em que as classes subalternas vão sendo ainda mais sacrificadas em detrimento do poder das classes dominantes.

E até certo ponto também nós, pesquisadores, estamos agora produzindo uma legitimação ideológica (disfarçada de teoria) dessa mercantilização sem precedentes, no momento em que enfatizamos os processos de negociação, fusão e hibridismo das culturas tradicionais sem mencionar as monumentais desigualdades econômicas de acesso às esferas de poder e decisão, quase sempre desfavoráveis às comunidades indígenas e afro-brasileiras (CARVALHO, 2004, p. 11).

Os desafios metodológicos do trabalho com pesquisa em comunidades tradicionais, no tratamento com a cultura popular, requer um olhar sensível do pesquisador, frente ao compromisso ético e político com as lutas das classes subalternas. O trabalho de pesquisa nestas comunidades precisa reconhecer as particularidades desse campo social, visto que os códigos dessa

cultura podem não ser facilmente apreensíveis e compreensíveis (CALEGARE, HIGUCHI; FORSBERG, 2013).

O DESAFIO DA PESQUISA EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Diante de todas as mazelas e transformações que vêm passando a sociedade brasileira, cujos problemas sociais têm afetado especialmente o conjunto da população que compõe as classes subalternas, faz-se necessário considerar o caráter transgressor e criativo destas populações enquanto abertura para a superação de problemas sociais. Frente a esta questão é que podemos situar a posição estratégica das comunidades tradicionais no contexto dos espaços portadores e produtores de cultura peculiar, destacando que se torna imprescindível a valorização e reconhecimento da tamanha importância que estas têm na manutenção e continuidade dos processos culturais, sendo estes, importantíssimos na diversidade da organização da sociedade brasileira.

É neste contexto que será necessário apresentar os desafios metodológicos da pesquisa em comunidades tradicionais, mediante a correlação distinta entre o modo de pensamento que orienta a vida nas comunidades na produção da cultura popular e o olhar e intencionalidades do pesquisador na produção do conhecimento científico. Cabe destacar que a produção desse conhecimento não é neutro, e portanto, ao entrar em uma comunidade para realizar uma pesquisa, junto com o pesquisador, seguem objetivos que revelam uma visão de sociedade, de cultura, que pode entrar em dialogicidade com a cultura popular, concorrendo para sua permanência e valorização, ou enfraquecimento pelo consumo na sociedade de classes.

Em relação ao processo de consumo pela via da tentativa de mercantilização da cultura popular, Carvalho (2004), ressalta um viés que se desenvolve na sociedade capitalista e cujo processo de performance demonstra a seguinte realidade:

A performance, em tais casos, deixa de ser simplesmente resumida ou condensada para ser morta, por ausência de tempo de vida. É o tempo espesso, aberto e vivo do sagrado que morre. E o que aparece para o consumidor como canto, dança, poesia e drama tradicional afro-brasileiro é de fato um simulacro natimorto que assombra como um fantasma do mundo maquínico da produção capitalista. [...] Talvez o próprio tempo seja um dos maiores patrimônios culturais intangíveis das comunidades indígenas e afro-brasileiras. Um tipo de patrimônio ameaçado justamente pela compressão do tempo na indústria cultural do capitalismo contemporâneo (CARVALHO, 2004, p. 8-9).

Em Carvalho (2004), está sendo colocado um destaque para a ideia de responsabilidade, ou seja, de uma atitude responsiva do pesquisador mediante desenvolvimento de pesquisa em comunidades tradicionais. Portanto, observa-se aí a identificação de um desafio metodológico salutar, a saber:

Mais do que um dilema moral, acredito que a discussão das posições assumidas atualmente pelos pesquisadores e suas consequências para a comunidade pesquisada deva ser equacionada dentro do quadro da ideia de responsabilidade. Seja o pesquisador uma pessoa distante, um porta-voz, um escudo, um mediador ou um converso que se apresenta como *performer* da arte tradicional, devemos colocar abertamente para as instituições a que pertencemos de que modo concebemos nossa responsabilidade para com o destino do grupo que pesquisamos e com que interagimos. Responsabilidade implica atitude responsiva, resposta, interação dialogante capaz de estabelecer uma ponte entre os valores e interesses do nosso mundo e os valores e interesses do mundo dos artistas populares (CARVALHO, 2004, p. 10).

Com efeito análogo ao que está sendo colocado na proposição da atitude responsiva na pesquisa, é coerente ao pesquisador manter diálogo com a comunidade, tanto para conhecer por dentro seu modo de organização e de vida, quanto para ir informando a mesma acerca das ações do seu projeto de pesquisa e das intervenções, para conhecimento, avaliação e validação da comunidade.

Mediante esta questão do panorama metodológico da pesquisa frente ao papel ético e político do pesquisador, que remete à relação da pesquisa com a entrada no campo empírico marcado por elementos de diferença, diversidade e dialogicidade, cabe destacar que:

Ao fazer contato com os pesquisados, ao estabelecer os termos e acordos da pesquisa, ao pisar no campo, ao conversar com as pessoas, ao criar expectativas e fantasias pela sua presença, ao interagir com gente de todas as idades, gênero e posição social, a pesquisa torna-se parcial (CALEGARE, HIGUCHI; FORSBERG, 2013, p. 4).

Desse modo, a pesquisa vai sendo elaborada em um movimento de troca continuada, de ir e vir entre o trabalho de campo — empiria, e a teoria, o que favorece o compromisso ético e político da construção participativa do conhecimento. Assim, as teorias se revelam como um dos fundamentos da pesquisa e no entendimento de Calegare, Higuchi e Forsberg (2013, p. 4), devem ser compreendidas como “instrumentos de leitura da realidade — e não a realidade propriamente dita, como muitas vezes alguns pesquisadores podem confundir”.

Ainda sob o ponto de vista desses autores, o conhecimento é construído na interação ocorrida entre pesquisador e pesquisado. Assim a definição do desenho metodológico deve ser feita mediante consideração de que o contato com a população em comunidades tradicionais permite realinhar o processo da pesquisa, a etapa de coleta de dados, os modelos teóricos e seu confronto com a realidade pesquisada.

Contemplando a composição do desenho metodológico, estes autores apresentam alguns instrumentos possíveis a serem utilizados mediante objetivos do projeto de pesquisa, tempo disponível em campo e condições de sua aplicabilidade nas comunidades. São eles: formulário socioeconômico; entrevistas semi estruturadas; grupo Focal; reuniões comunitárias e técnicas de abordagem grupal; participação nas atividades cotidianas e

diário de campo; mapas cognitivos com elaboração de croqui de uso social; registro fotográfico; reuniões de equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o papel da pesquisa em comunidades tradicionais no que se refere ao campo da cultura popular, algumas questões referentes ao trabalho do pesquisador se fizeram evidenciar. Um primeiro conjunto de questões estão ligadas ao espaço das comunidades tradicionais, sua cultura e relações estabelecidas com outros sujeitos frente aos significados atribuídos à cultura pelos grupos populares. Outro conjunto está relacionado aos desafios metodológicos da pesquisa e o papel desempenhado pelo pesquisador na interface teoria e empiria, na tarefa de construção do conhecimento científico.

Embora pressionado pela ordem capitalista, o complexo campo da cultura popular passa a ser compreendido como uma questão da ordem do dia, revelando uma realidade marcadamente criativa e transgressora de realidades que se colocam dominantes. As classes subalternas detentoras de cultura popular se mostram vivas, em renovação e reivindicadoras de espaços para a realização das suas práticas culturais e direitos para viver com dignidade.

No que se refere ao campo dos desafios metodológicos da pesquisa em comunidades tradicionais, é importante validar o compromisso ético e político do pesquisador com as lutas das classes subalternas, especialmente dos grupos portadores de cultura popular. Isto porque sua ação é sempre intencional na condução do trabalho científico e na relação com a comunidade. Ademais, aos tantos desafios metodológicos colocados, cabe ressaltar uma dimensão estratégica quanto ao trabalho do pesquisador com os espaços de cultura popular: ter no processo da pesquisa uma atividade de construção participativa e implicada socialmente.

REFERÊNCIAS

CALEGARE, M. G. A. e HIGUCHI, M. I. G. e FORSBERG S. S. Desafios metodológicos ao estudo de comunidades ribeirinhas amazônicas. *Psicologia & Sociedade*, 25 (3), 571-580. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n3/11.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARVALHO, J. J. *Metamorfoses das Tradições Performáticas Afro Brasileiras: De Patrimônio Cultural a Indústria de Entretenimento*. Brasília 2004.

COSTA, E. S. Arquivos do pobre: considerações sobre culturas populares, memórias e narrativas. In: SANTOS, Osmar Moreira (Org.). *Arquivos, testemunhos e pobreza no Brasil*. Salvador: EDUNEB, 2016

ORTEGA, José. *Citações sobre cultura*. www.pensador.com, 2021. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTcwOQ/>. Acesso em: 23 jan. 2021.

PAJEÚ, Hélio Marcio. *A estética da cultura popular na Folia de Momo do Recife: questões de alteridade, corporeidade e transgressão*. 382 f. (Tese de Doutorado). UFSCar, São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. Entrevistadores: Odete Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.